

HOUAISS, UM DICIONÁRIO RUIM

José Augusto Carvalho
UFES
E-mail: jaucriscar@gmail.com

Resumo: Este pequeno texto é um apanhado de algumas imprecisões, lacunas, inadequações, invenções e desinformações constantes do *Dicionário Houaiss*, que atestam a inobservância ou o descumprimento de seus autores ou colaboradores das lições básicas de sintaxe (sobretudo de regência verbal), de morfologia, de conjugação verbal e de etimologia além da desobediência ao *Volp* (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). O texto também apresenta análises equivocadas de fatos da língua portuguesa. Não há no final uma referência às fontes consultadas, porque elas são citadas oportunamente ao longo do texto, de acordo com as normas da ABNT.

Palavras-chave: Linguística. Língua Portuguesa. Dicionário.

Abstract: This short text is a snapshot of some of the inaccuracies, gaps, inadequacies, inventions and misinformation contained in the Houaiss Dictionary, which attest to the non-observance or non-compliance of its authors or collaborators with the basic lessons of syntax (especially verbal conducting), morphology, verbal conjugation and etymology as well as disobedience to the *Volp* (Portuguese Language Orthographic Vocabulary). The text also presents mistaken analysis of facts of the portuguese language. There is no reference at the end to the sources consulted, because they are cited in due course throughout the text, according to ABNT standards.

Keywords: Linguistics. Portuguese language. Dictionary

Segismundo Spina, no livro *Episódios que a vida não apaga* afirma que o “Aurélio não tinha, como não tiveram os próprios dicionaristas Cândido de Figueiredo e Laudelino Freire, estofo filológico para um trabalho sério, no campo da lexicografia”. (1999, p. 149). Também não têm estofo os responsáveis pelos verbetes do *Dicionário Houaiss*. Nesse artigo, analisaremos, de forma breve, algumas inadequações que revelam ou a pressa ou a incompetência dos que elaboraram o léxico do *Houaiss*, utilizando o CD de 2009, da Editora Objetiva.

1. O *Houaiss* erra na etimologia. No verbete próprio, *Houaiss* informa que a origem de *vendável* é o francês *vendable*. Segundo Cândido de Figueiredo, no livro *Lições Práticas da Língua Portuguesa* ((8. ed. Porto: Livraria Clássica Editora, 1930, p. 242), *vendável* vem do substantivo português *venda* e não do francês. A terminação {-ável} pode formar nomes oriundos de verbos normalmente da 1ª conjugação, como condenar – condenável, amar – amável; mas também pode formar adjetivos a partir de nomes, como amável (de amor, segundo Carlos Goes, no seu *Diccionario de affixos e desinências* (. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1937), s.v. *avel*, e não de um hipotético verbo amarar, segundo informa *Houaiss* no verbete *amorável*), palatável (de palato), miserável (de mísero) e, naturalmente, vendável (de venda). Oriundo do verbo vender, temos vendível, de emprego e sentido equivalentes a vendável.

2. O *Houaiss* erra na gramática. No verbete *xerox*, contrariando todos os dicionários e gramáticas do português, o *Houaiss* registra o plural *xeroxes*. As palavras terminadas em -x são invariáveis no plural. Fax, sax e fox não são exceções. As formas faxes, saxes e foxes são registradas como plurais regulares de faxe, saxe e foxe, variantes gráficas daqueles três vocábulos. Por isso, também é possível não pluralizar esses nomes obedecendo à norma geral dos nomes terminados em -x.

3. O *Houaiss* erra na sintaxe. Em muitos verbos, o *Houaiss* erra na predicação, ensinando, por exemplo, como transitivos indiretos verbos que são transitivos diretos. No verbete *satisfazer*, o *Houaiss* classifica esse verbo como transitivo direto e transitivo indireto, mas registra o exemplo “satisfazer (a) uma promessa”, pondo a preposição entre parênteses, numa clara demonstração de que a preposição, podendo ser suprimida, não introduz um objeto indireto, mas um obje-

to direto preposicionado, em que a preposição é apenas um recurso eufônico e não sintático.

No verbete *morar*, o Dicionário classifica o verbo como transitivo indireto com o sentido de “residir em (determinado lugar). habitar, viver”, e exemplifica com as seguintes frases: “mora na rua das Acácias” e “mora em Brasília”, confundindo o adjunto adverbial de lugar com objeto indireto. Mais à frente, o *Houaiss* “ensina” que *morar* é transitivo indireto, com o sentido de “compartilhar moradia; viver com”, mas dá os seguintes exemplos: “mora com a mãe” e “mora com vários gatos”, confundindo o adjunto adverbial de companhia com objeto indireto.

A mesma confusão de adjunto adverbial com objeto indireto está no verbete *ir*, verbo intransitivo que o *Houaiss* considera transitivo indireto na acepção 8 (dar acesso a), com o exemplo “Todos os caminhos vão a Roma”; na acepção 9, o *Houaiss* informa adequadamente que o verbo *ir* é intransitivo e dá o seguinte exemplo: “Esse platô vai quase até a serra da Canastra”. A expressão “até a serra da Canastra” é adjunto adverbial de lugar. Ora se dissermos “Todos os caminhos vão quase até Roma”, o verbo *ir* deixa de ser transitivo indireto (na análise do Dicionário) e passa a ser intransitivo? Na verdade o Dicionário confunde adjunto adverbial de lugar com objeto indireto. Os complementos verbais (objetos direto e indireto) exercem função substantiva e não adverbial. Embora em “ir a Roma”, a expressão “a Roma” complete o sentido do verbo, nenhum gramático a consideraria objeto indireto, porque, dando a ideia de lugar, essa expressão exerce função adverbial.

4. O *Houaiss* erra na conjugação. No verbete *adequar*, o *Houaiss* conjuga esse verbo em todas os tempos e pessoas, contrariando dicionários (inclusive o Aurélio) e gramáticas que ensinam que *adequar* é verbo defectivo que se conjuga nas formas arizotônicas, isto é, nas formas em que o acento tônico não cai na sílaba “de”. Assim, não existem no verbo *adequar* as três primeiras pessoas do singular do presente do indicativo nem, conseqüentemente, o presente do subjuntivo inteiro e o imperativo afirmativo. Assim, formas como “eu adéquo, ele adéqua” simplesmente não existem. Veja-se o verbete *adequar*, *adequar-se*, do *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*, de Domingos Paschoal Cegalla (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996), onde se lê: “Não

existem as formas *adéqua*, *adéquam*, com *e* tônico.” O *Dicionário Aurélio* também ensina que *adequar* é verbo defectivo que só se conjuga nas formas arrizotônicas, isto é, nas formas em que o acento tônico não cai na raiz, isto é, na sílaba *de*.

5 O *Houaiss* erra na explicação. No verbete *gol*, o *Houaiss* informa que o plural *gols* é um barbarismo e ensina as formas *golos*, *goles* e *gois*. *Gois* é uma aberração do dicionário, porque todas as palavras oxítonas terminadas em *-ol* têm a vogal aberta no singular e no plural: *anzol*, *futebol*, *lençol*, *terçol*, *sol*, etc. A palavra francês *rôle* (com a vogal tônica fechada) deu *rol*, em português, com a vogal aberta, mostrando a perfeita adaptação do galicismo aos padrões fonológicos e silábicos portugueses. *Gois* seria um plural adequado se *gol* tivesse a vogal aberta, como todas as palavras portuguesas em *-ol*. Como a tem fechada, *gol* é apenas adaptação gráfica do inglês *goal* e, portanto, a forma *gols* é perfeitamente aceitável. Em outras palavras, a forma *gois* é que seria um barbarismo.

6. O *Houaiss* erra no significado dos verbetes. No verbete *cacófato*, o *Houaiss* dá as seguintes definições:

1 som feio, desagradável, impróprio ou com sentido equívoco, produzido pela união dos sons de duas ou mais palavras vizinhas

0.1 palavra ou expressão obscena, ridícula ou fora de contexto, formada pela sílaba final de uma palavra e pela inicial da seguinte.

A primeira definição está mais próxima do conceito de cacofonia, que consiste no encontro desagradável de sons, não necessariamente obsceno, como em “ela tinha” (= é latinha); a segunda definição é que é de cacófato, que é o encontro de duas ou mais palavras que formam ou uma terceira palavra ou uma expressão obscena. Mas a definição de cacófato dada pelo dicionário é inadequada, porque o cacófato pode ocorrer não apenas no encontro da sílaba final de uma palavra com a inicial de outra, mas também no encontro de duas ou mais palavras vizinhas, como em “ela não tem pretensões acerca dela” (o cacófato “acerca dela” forma a expressão ridícula ou obscena: “a ser cadela”). Veja-se o *Dicionário de termos literários*, de Massaud Moisés (2. ed. São Paulo: Cultrix, 1978), que, no verbete *cacofonia*, estabelece a diferença entre cacófato e cacofonia.

7. O *Houaiss* erra na designação de classes de palavras. No verbete *pastel*, o *Houaiss* informa que se trata de um adjetivo de dois gêneros e dois números na designação de cor, como em “calças pastel”. Ora, o substantivo (preposicionado ou não) junto de um outro substantivo, sem formar palavra composta, exerce a função de aposto e não de adjetivo, como em Rio Amazonas, Montes Pirineus, o Rei D. Manuel, Tecidos Aurora, Praça da República, a cidade de Lisboa (exemplos de Evanildo Bechara, no livro *Lições de português pela análise sintática* (16. ed. ver. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001, p. 107-108), vestidos laranja, sequestros relâmpago, comícios monstro, desvios padrão, mandatos tampão, elevadores Nacional, óticas Visual, comandos surpresa, máquinas xerox (exemplo este do próprio *Houaiss*, no verbete *xerox*), etc. O aposto é função substantiva e não adjetiva. O *Houaiss*, no entanto, em flagrante contradição, no verbete *apositivo*, cita “Leis antidroga” como exemplo. Ora, *antidroga* é um substantivo, como *pastel*, ao lado de outro substantivo. Por que em “Leis antidroga” e “máquinas xerox” há aposto; e em “calças pastel”, não?

8. No minidicionário, o *Houaiss* erra na divisão silábica. A palavra *parapsicologia* não tem hífen, por isso, a divisão silábica correta, segundo os gramáticos e a ortografia vigente, é pa-rap-si..., em que as consoantes ps se escrevem em sílabas separadas, como em silepse, elipse, lapso, etc. Mas, contrariando as normas ortográficas, o minidicionário *Houaiss* separa assim as sílabas de *parapsicologia*: pa-ra-psi...

9. O *Houaiss* erra ao omitir verbete citado em outro verbete. No verbete *narcolepsia*, o *Houaiss* dá como sinônimo a palavra *hipnolepsia*, que não existe no dicionário.

10. O *Houaiss* erra na informação. No verbete *estória*, o *Houaiss* informa que se trata de um diacronismo e remete o consulente ao verbete *história*. *Estória* não é um diacronismo, porque só entrou na língua portuguesa atual em 1912, em Portugal, graças a Antônio Maria José de Melo Silva César e Menezes, conde de Sabugosa, que propôs o termo no prefácio de seu livro *Dama dos tempos idos* para designar a narrativa de ficção. É o que informa Luis da Câmara Cascudo no seu *Dicionário do Folclore Brasileiro* (5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1979, s.v. *estória*). No Brasil, o termo foi proposto por João Ribeiro e encampado por Gustavo Barroso em 1942, num artigo em que sugere oficialmente a grafia *estória*, calcada no inglês

story, como metalinguagem do folclore para designar narrativas e contos tradicionais.. Os textos portugueses antigos, anteriores ao século XVI, registram *estória* por indecisão ortográfica, como variante de *história*, e não como um item lexical distinto. Essa indecisão ortográfica é facilmente observável numa consulta aos *Textos arcaicos*, de Leite de Vasconcelos (5. ed. Lisboa: Clássica, 1970) em cujas páginas 14-15, por exemplo, o mesmo artigo definido, antes do substantivo herdamento, é grafado de três maneiras diferentes: o, hu e u. Na *Crestomatia arcaica*, de José Joaquim Nunes (1959), só para exemplo, aparecem três grafias diferentes para a palavra honra: hõrra, homrra e honra (p. 29, 30 e 66, respectivamente). O imperfeito de *haver* é escrito *avia* ou *aviia*, por Fernão Lopes, mas era escrito *havya* por Azurara, na *Crônica de Guinee* (sec. XV). Mais modernamente, o *Diccionario da Lingua Portuguesa*, de Moraes Silva (Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813), registra vestígio dessa indecisão gráfica no verbete *estorial*, como variante de *historial* (sinônimo de histórico). O Aurélio ensina que se use apenas *história*, com *h*, e não *estória*.

11. O *Houaiss* erra na defesa da grafia *beringela* — O *Aurélio*, respeitando o *Volp*, grafa *berinjela*, com < j >. O *Houaiss* registra a forma com < j >, mas remete o consulente à forma *beringela*, com < g >, acrescentando em rodapé a seguinte informação: “encontra-se o registro dessa palavra com g desde a sua entrada na língua portuguesa; no entanto, a partir do século XX, constata-se que alguns vocabulários ortográficos e dicionários passam a consignar a grafia com j; tal opção é usual no Brasil, ao passo que em Portugal emprega-se somente a grafia *beringela*; neste dicionário preferiu-se a f. *beringela* a *berinjela*, tendo em vista a origem da palavra e os seus primeiros registros na língua.”

O *Dicionário da língua portuguesa contemporânea*, da Academia das Ciências de Lisboa, no verbete *beringela*, informa: “Do ar. *Bādinjānā* <persa *bādnjān*, pelo esp. *berenjena*). *Bot.* 1. Planta hortense, anual, da família das solanáceas [...] de grandes flores violáceas e fruto comestível.”

Vê-se que a palavra veio de uma protoforma persa, e chegou ao espanhol por via árabe. Não entendo por que o *Houaiss* preferiu escrever com < g > a palavra *berinjela*, se o étimo e todas as formas intermediárias na evolução dessa palavra se escrevem com < j >.

como consta a informação etimológica do próprio *Houaiss* e do *Dicionário* da Academia das Ciências de Lisboa. O *Houaiss* diz respeitar a origem da palavra ao defender a grafia com < g >, mas é a origem etimológica da palavra que prova que a grafia adequada é com < j >!

Portanto, pelo menos em relação à grafia *berinjela*, o *Volp* e o *Aurélio* têm razão.

Fiquemos por aqui, na óbvia constatação de que é necessária uma boa equipe de estudiosos com excelente formação acadêmica para a elaboração de um bom dicionário.

